

NOVOS ANTROPOFÁGICOS

I.

COMECEI DEGUSTANDO SEUS DEDINHOS. Eram expressivos, contundentes. Quantas vezes seu rombudo dedo indicador roçara meu rosto! Ela repetia continuamente seus “veja bem” bastante frios e impessoais. Sou doutor em Letras. Ela dizia-se autodidata.

autodidata?!?!

autodidata da vida, bestalhão, canalha, ela rosnava.

Suportei-a vários anos. Casara-me com ela *à cause* daquele buraco enterrado fundo nas nádegas cremosas. Depois que lhe enfiei a vara sorri quente e prolongado. Depois fiquei triste. Intuí haver cometido um grande equívoco. Mas todas as noites com “veja bem” ou sem, metia-lhe a vara. Entre o gaiato e o choroso fui aguentando seus trejeitos, sua sinistra domesticidade. Uma noite, durante o jantar, o bife escapou-se-me do prato. Ela começou seus “veja bem” e noções de polidez à mesa. Escutei-a atenciosamente e até com certa cerimônia íntima, assim como se escuta a fala de um prêmio Nobel no dia da premiação. Em seguida, ordenado por dentro e por fora, fiz o primeiro gesto criterioso: buscar o bife. Sua trajetória havia terminado debaixo da escada. Ela começou a rir histericamente e repetia “veja bem veja bem”, és um perfeito imbecil, um bufo, um idiota. Peguei o bife e recoloquei-o no prato. Limpei a poeira dos joelhos. O chão estava imundo. Ela nunca limpava debaixo da escada. Dei, em seguida, um grande urro, como um grande animal e num salto Nureiev, de muita precisão, enterrei-lhe a faca no peito. Ela ficou ali ainda sorrindo, cristalizada. Neste preciso momento, corto-lhe o dedo indicador, aponto-o para seu próprio rosto e repito: “Veja bem, senhora, no que dá um autodidatismo de vida”. Limpo-lhe a unha porque era sempre essa que ela me enfiava na rodela. Eu gostava sim. Ela não sei. Agora, sujo de ódio, atiro o dedo pela janela. A noite está fria e há estrelas. São atos como esse, vejam bem, que fazem desta vida o que ela é: sórdida e imutável.

II.

TÍNHAMOS DISCUSSÕES INTERMINÁVEIS . Eu lhe mostrava meus textos e ele dizia: tu não tens fôlego, meu chapa, tudo acaba muito depressa, tu não desenvolve o personagem, o personagem fica por aí vagando, não tem espessura, não é real. Mas é só isso que eu quero dizer, não quero contornos, não quero espessura, quero o cara leve, conciso, apressado de si mesmo, livre de dados pessoais, o cara flutua, sim, mas é vivo, mais vivo do que se ficasse preso por palavras, por atos, ele flutua livre, entende? Não. E ajeitava os óculos, não e não. Achei conveniente não lhe mostrar mais os textos. Ele me encontrava e insistia: hof hof hof, fôlego, meu chapa, fôlego, espanta as nuvenzinhas flutuantes, dá corpo às tuas carcaças, afunda os pés no chão. Eu implorava: para com isso, para, um dia quem sabe tu entendes. Não entendeu. Na frente de amigos, de minha mulher, de meus filhos ele começava: hof hof hof, fôlego meu chapa. Um dia fomos à praia. Entre uma caipirinha e outra propus-lhe nadar até a ilha. Disse um sim chocho, mas topou. No meio da travessia, enquanto ele se afogava, eu aperfeiçoava a minha *butterfly* , e meu ritmo era rápido, harmonioso, cheio de vigor. Gritei-lhe antes de vê-lo desaparecer: fôlego é isso, negão. Estou em paz. E dedico-lhe este meu breve texto, leve, conciso, apressado de si mesmo, livre de dados pessoais, muito mais vivo do que ele morto.

III.

O HOMEM RECLAMAVA : já disse que não gosto de ver você usando essas blusas fininhas.

por quê?

porque aparecem os teus bicos.

e daí? bico é bonito, amor.

Bonito sim os bicos da mulher, rosadinhos, miúdos, ela inteira miúda e clara, uma madoninha holandesa... já viram uma madoninha holandesa? Certamente, todos aqueles Van de alguma coisa pintaram madoninhas holandesas. Sem os tamancos.

eu sei que bico é bonito, mas não gosto que todo mundo veja os teus.

A mulher era brejeira, grácil. Grácil também é bonito. Ele olhava para ela e refletia: por que será que mulheres pequeninas dão tanta sorte com homens? Alguns amigos seus também haviam se apaixonado por mulheres pequeninas. Parecem-se aos bichinhos da infância (quando se teve uma infância), aqueles fofinhos, ursos cachorrinhos coelhos, aqueles que a

gente-criança dormia com eles, apertava entre os braços, entre as coxas... mulherzinhas-criança, mulherzinhas-bicho.

Ela: ninguém liga pra bico, benzinho, depois são tão fresquinhas essas blusas fininhas...

Mania de se exhibir que as mulheres têm: no último carnaval ficou abestado. O tempo inteiro bundas, xerecas, convulsões, sacolejos. Há de chegar uma hora que bundas e xerecas devem manifestar uma outra qualidade além das evidentes, porque só isso de se exibirem ficou chato. Haveria por exemplo bundas falantes, xerecas que se metamorfoseassem em flores, oitis que assoviassem Mozart, quem sabe. Encontrou a mulher miúda naquele carnaval. Os bicos de fora. Tudo bem, era carnaval. Mas inadmissível, a cada dia agora, a mulher e seus bicos pelas ruas. Insistiu: cubra os bicos. Ela foi ficando amuada, ranzinza, não conversava mais. Uma noite ele repensou sua própria história, a dele, a solidão, e dolorido, meloso, aquiesceu:

tudo bem, ponha a blusa que quiser, vamos dar uma volta.

Cintilante, fininha, a blusa mostrava não somente os bicos, mas as duas tetas, firmes redondosas trêmulas. Ela pediu cerveja. Ele pediu sorvete. Os homens do bar olhavam a mulher miúda como se ele não estivesse ali. Ela ria: tô bonita, né bem? Foi nesse instante que ele rosnou aturdido:

vai ficar linda agora. Num ímpeto agarrou-lhe as tetas, mordeu-lhe o bico esquerdo, decepou o moranguinho e sujo de sangue e aos gritos colocou o bico na ponta do sorvete de creme, marshmallow e banana. Gritava: agora, benzinho, todo mundo pode ver, chupar e se faltar do teu bico, adeus. A ambulância chegou logo depois. Os caras do bar esclareciam: é aquela ali com aquela blusa fininha. Ninguém sabe que fim levou o bico. O nome do bar mudou: o Bar do Bico. Há novos sorvetes. Um moranguinho na ponta. Sorvete, dona? Com bico ou sem bico, madama?

IV.

VERDADE. TINHA CERTEZA AGORA . A menina o seguia. Sainha xadrez, blusinha branca, meia três-quartos, gravatinha. Teria onze doze anos? Andou três quadras lentamente ouvindo aqueles pequenos passos atrás dele. Sapatos de verniz. Salto mínimo. Ele parou na vitrina de uma charutaria. Cachimbos ingleses suecos suíços. Se ela parasse naquela vitrina tudo ficava evidente: a menina o seguia. Ela parou. Gosta de cachimbos? ele perguntou. Gosta de ser chupado? ela respondeu perguntando. Ficou vermelho. Por mulheres sim, respondeu. E eu o que sou? Uma criança.

Alguém parou do lado e silenciaram. Ela tomou-lhe a mão: então, papai, gosta deste? O alguém do lado se foi. Ela continuou: olha para mim, fica bem pertinho, vou chupar meu dedo do jeito que vou chupar teu pau. Ele olhou dos lados. Não seja bobo, não tem ninguém olhando, e começou a enfiar o dedo polegar na boca, revirava-o e lambia-o da raiz à ponta.

mas meu pau não é teu dedo polegar. É maior.

mas eu tenho a arcada larga.

o quê???!!

meu dentista diz que eu tenho uma linda arcada larga.

Toma-me a mão novamente, diz vamos andando vá, e aponta para uma pracinha onde há bancos e carrinhos de sorvete e de pipoca. Sentamos.

por que você faz isso?

porque quero dinheiro.

ahh.

gosto de roupas e o dinheiro compra roupas.

mas posso te comprar roupas sem que você me chupe.

não, gosto de fazer o meu dever.

ah, quer dizer que você não aceitaria que eu te desse roupas sem você me chupar...

é, isso nunca, gosto de trabalhar.

Fiquei olhando seu rostinho moreno, os olhos grandes, o nariz afilado, o lábio superior um pouco estreito, o lábio inferior polpudo, escarlate. Quer um sorvete? Não. Olha, menina, eu não tenho nenhum lugar pra te levar. Mas eu chupo aqui mesmo. Aqui?!?! Claro. Você tira teu paletó, eu deito a cabeça no teu colo, você me cobre com o teu paletó como se eu estivesse dormindo, você compra um jornal ali, e enquanto você finge que lê eu tiro bem devagarinho o teu pau pra fora e vou chupando também bem devagarinho. Só que você me paga antes. Aquilo era demais. Disse tudo bem. Fui até ali, comprei o jornal, tirei o paletó, dei-lhe o dinheiro e ela fez tudo e mais do que prometeu. Dois anos passados, nunca mais gozei com mulher alguma. E percorro o mesmo caminho e aliso adoidado aquele banco e compro o jornal ali mas nunca mais a encontrei. Um amigo me disse: sonho, stress, porre, pó, foi isso, cara. Eu disse não. E meu pau sabe disso.

v.

GOSTARIA DE SER COESO , calmo, frívolo. Sim porque há coesão e calma na frivolidade. Ou não pensam assim? Então repensem. Tinha horror ao sexo.

DEZ CHAMAMENTOS AO AMIGO

Love, love, my season.

SYLVIA PLATH

I

Se te pareço noturna e imperfeita
Olha-me de novo. Porque esta noite
Olhei-me a mim, como se tu me olhasses.
E era como se a água
Desejasse

Escapar de sua casa que é o rio
E deslizando apenas, nem tocar a margem.

Te olhei. E há tanto tempo
Entendo que sou terra. Há tanto tempo
Espero

Que o teu corpo de água mais fraterno
Se estenda sobre o meu. Pastor e nauta

Olha-me de novo. Com menos altivez.
E mais atento.

II

Ama-me. É tempo ainda. Interroga-me.
E eu te direi que o nosso tempo é agora.
Esplêndida avidez, vasta ventura
Porque é mais vasto o sonho que elabora

Há tanto tempo sua própria tessitura.

Ama-me. Embora eu te pareça
Demasiado intensa. E de aspereza.
E transitória se tu me repensas.

III

Se refazer o tempo, a mim, me fosse dado
Faria do meu rosto de parábola
Rede de mel, ofício de magia

E naquela encantada livraria
Onde os raros amigos me sorriam
Onde a meus olhos eras torre e trigo

Meu todo corajoso de Poesia
Te tomava. Aventurança, amigo,
Tão extremada e larga

E amavio contente o amor teria sido.

IV

Minha medida? Amor.
E tua boca na minha
Imerecida.

Minha vergonha? O verso
Ardente. E o meu rosto
Reverso de quem sonha.

Meu chamamento? Sagitário
Ao meu lado
Enlaçado ao Touro.

Minha riqueza? Procura
Obstinada, tua presença
Em tudo: julho, agosto
Zodíaco antevisto, página

Ilustrada de revista
Editorial, jornal
Teia cindida.

Em cada canto da Casa